

## Um pacto com Roma

### Vida e aventuras de Gordiano, o Descobridor

MARIA JOSÉ FIGUEIREDO

*Universidade de Lisboa*

*Tradutora independente*

*mjfig@clix.pt*

**Abstract:** Gordianus the Finder, a character created by American novelist Steven Saylor, was born in Rome in 100 B. C. and became acquainted with several prominent figures living around the end of the Republic and the beginning of the Empire- Cicero and Pompeus, Crassus, Caesar and Marcus Antonius. His adventures, unfolding in nine novels and two short-story compilations, deal, in an enjoyable and appealing manner, with both the daily life and the hardships of the ancestors to whom we owe a significant share of our history and identity.

**Keywords:** Steven Saylor, Gordianus the Finder, Cicero, Caesar, Rome.

“O escravo que veio chamar-me naquela manhã de Primavera excepcionalmente quente era um jovem com pouco mais de vinte anos.

Normalmente, quando um cliente me manda chamar, o mensageiro é o escravo mais humilde de sua casa — um criado, um aleijado, o rapaz meio atrasado que trata dos estábulos (...). Trata-se de uma espécie de formalidade; quando alguém precisa dos serviços de Gordiano, o Descobridor, mantém um certo distanciamento. É como se eu fosse um leproso, ou um sacerdote de um culto oriental impuro. Já estou habituado a isso. Não me ofendo — desde que os meus honorários sejam pagos a tempo, e por inteiro.”<sup>1</sup>

É desta maneira que se iniciam as crónicas de Gordiano, o Descobridor, perdigueiro de Cícero e cão de caça de outros cidadãos romanos, “corajoso como uma águia e teimoso como uma mula”<sup>2</sup>, perseguidor da verdade ao serviço de quem estiver disposto a pagar para descobrir quem fez o quê a quem e em que circunstâncias; sempre que a

---

<sup>1</sup> *Sangue romano*, 13.

<sup>2</sup> *O abraço de Némesis*, 69.

peessoa esteja igualmente disposta a conhecer as respostas às perguntas, por muito incómodas que elas sejam. A não ser... a não ser que a verdade não possa ser revelada, ou não possa sê-lo integralmente.

Gordiano nasce em Roma, em 110 a.C., dois anos antes de Catilina, seis anos antes de Cícero, dez anos antes de César. Por volta dos vinte anos, empreende uma viagem pelo mundo conhecido, que o leva a Alexandria, onde adquire Betesda, matrona egípcia de imperturbável dignidade, que atrai irresistivelmente o seu olhar no mercado de escravos, e que desde esse momento nunca mais deixará de o acompanhar e de lhe adoçar e lhe infernizar a vida, como qualquer mulher — seja escrava ou não — segura de si e do seu poder sobre o homem que a ama.

Já em Alexandria começa a praticar o ofício de investigador, que herdara de seu pai — juntamente com a casa relativamente modesta de jardim rebelde do Monte Esquilino, em Roma, onde Tirão, o famoso secretário de Cícero, vai bater-lhe à porta para o contratar em nome do seu amo, então um advogado desconhecido de nariz de grão-de-bico, certa manhã em que Gordiano recuperava da ressaca da véspera, que procura curar com um exercício dedutivo que deixa Tirão de boca aberta. E, se é certo que, durante toda a carreira de ambos — uma longa carreira com muitos passos em comum —, nunca conseguirá ser, nem verdadeiramente amigo, nem verdadeiramente inimigo de Cícero, por nunca conseguir defini-lo com precisão, é também certo que Gordiano terá por Tirão uma amizade e uma cumplicidade que ultrapassam em muito as respectivas condições de cidadão e de escravo.

Gordiano é o *paterfamilias* de um clã verdadeiramente peculiar, sem deixar de ser tipicamente romano, um clã familiar constituído por escravos, libertos, miúdos da rua e cidadãos, unidos em redor de um centro de autoridade que a todo o momento contestam e recusam, acatam e reorganizam. “Um *paterfamilias* não tinha necessidade de se justificar. Era isso que a tradição ditava, embora a vida real nunca parecesse conformar-se rigorosamente com esse modelo.”<sup>3</sup> O poder que detém

---

<sup>3</sup> Névoa de profecias, 287.

sobre todos os membros de sua casa, legalmente absoluto — poder de vida e de morte —, é constantemente renegociado com base na razão argumentativa e nos afectos, num processo que só não destrói esse domínio porque ele assenta num amor incondicional (e correspondido) por todos e cada um deles.

O núcleo propriamente familiar começa por ser constituído por ele próprio e um filho de 10 anos, Eco, um rapaz mudo que conhece nas ruas e que adopta, salvando-o do abandono e, com um pouco de azar, de um destino trágico nas galés. Eco, que se tornará rapidamente um auxiliar esperto e combativo, recuperará misteriosamente a fala oito anos mais tarde, em Baías, e será o primeiro continuador da sua actividade profissional e o menos problemático dos seus herdeiros. Para Eco e Menénia, sua mulher, transferirá Gordiano a propriedade da casa do Monte Esquilino, depois de se ter instalado na mansão do Palatino, que obtém como herança indirecta por morte do seu querido amigo e patrono Lúcio Cláudio — o seu amado, rechonchudo e bem disposto amigo, patricio até à ponta das unhas bem cuidadas, com ascendentes de nobreza que recuavam até Rómulo e Remo, até à própria loba. A Eco e a Menénia ficará Gordiano a dever a primeira expansão familiar para a terceira geração, sob a forma dos temíveis gémeos Tito e Titânia.

A este peculiar núcleo familiar inicial de pai e filho, juntar-se-ão de uma vez só, um par de anos depois de Eco recuperar a fala, mais duas pessoas: Betesda — ou Gordiana Betesda —, agora liberta, para assumir formal e legalmente o lugar de esposa que há muito ocupava realmente; e Diana — ou Gordiana —, a filha de Gordiano que Betesda traz no seio, que dentro em breve dará a conhecer que reunira na sua personalidade as características mais problemáticas dos temperamentos da mãe e do pai: a altivez e a obstinação. Diana, a primeira filha do sangue de Gordiano, atrever-se-á a seguir a tradição paterna, apaixonando-se por um escravo da casa, Davo — um jovem que, na opinião da futura sogra tem “constituição de estátua grega e inteligência a condizer”<sup>4</sup> —, que

---

<sup>4</sup> *Rubição*, 15

Gordiano se verá forçado a libertar para fazer dele seu genro, e que será o pai do seu terceiro neto, Aulo, e depois da quarta neta, Betesda.

Da segunda geração de Gordianos fará ainda parte o difícil Meto, que Gordiano conhecerá em criança como escravo, que perderá de vista durante dois anos de tormentos para o rapazinho, por não ter tido o beneplácito do proprietário para o adquirir, e que receberá então como presente de um amigo, para rapidamente o libertar e adoptar. Desta curiosa família romana, Meto é — devo confessá-lo — o meu favorito. Talvez por ser o menos linear, o mais rebelde, o que mais faz sofrer o pai, o que menos parece assemelhar-se a ele, o que mais preocupações lhe causa, o que parte de casa para se fazer soldado — será um dos oficiais favoritos de César, e o encarregado de lhe anotar as memórias — e regressa ocasionalmente numa cornucópia de gargalhadas e afectos, que sempre escondem cicatrizes no corpo, partidas inesperadas e surpresas dolorosas. Talvez por ser, sob a capa do oficial responsável, um eterno e encantador rapazinho. Talvez por ser aquele que Gordiano renega, ofendido por vê-lo sacrificar a verdade à estratégia, não resistindo depois a recuperá-lo para o seio da complexa família.

Ao alargado e variegado clã familiar Gordiano pertencerão também Mopso e Ândrocles, dois escravos muito jovens, dois irmãos eternamente quezilentos a que o Descobridor não consegue resistir, embora eles lhe façam em água a cabeça, que já é de avô quando os adquire. Assim como Belbo, um escravo anterior a todos, aos dois irmãozitos agora referidos, e também a Davo, um escravo que assistiu ao nascimento de Gordiana, o companheiro simples e alegre de 25 anos, “que sempre parecera iluminado a partir de dentro por uma chama constante que nada podia extinguir”<sup>5</sup>, e que morre com um punhal manchado de sangue na mão, a defender a família num ataque à casa, num momento em que o próprio destino de Roma parece estar em perigo. E, quando Belbo morre, qualquer coisa morre também dentro de nós, e chora a perda do gigante fiel. E finalmente Rupa, um rapazinho que

---

<sup>5</sup> *Crime na Via Ápia*, 143.

Gordiano se vê forçado a adotar por ter sido entregue aos seus cuidados pela irmã, uma espia de César que morre vítima dessa actividade — deixando-lhe, juntamente com o irmão, uma soma considerável, que lhe permitirá resolver uma série de dívidas e outros problemas financeiros.

Gordiano dá formalmente início à sua actividade de investigador em 80 a.C., numa época em que o crime e o caos campeiam em Roma, governada há três anos — o triplo do tempo inicial e legalmente previsto — pelo ditador Sula, que tomara o poder na sequência de uma guerra civil e o mantivera com um banho de sangue de ricos e as cabeças dos seus inimigos abastados espetadas no Fórum, para gáudio de uns e como advertência para outros. Esta actividade prossegue, narram os documentos até agora conhecidos, até 48 a.C. e ao momento em que, depois de ter derrotado Pompeu em Farsalo, resolvido o problema da sucessão ao trono egípcio e derrotado o jovem Ptolomeu numa batalha no Nilo — que termina num combate fratricida particularmente agonizante —, César regressa a Roma.

Temos, pois, uma família numerosa, que habita uma cidade constituída — para o bem e para o mal — como uma comunidade. E este é um dos vários dispositivos de sedução das histórias de Saylor: a persistência das personagens — quer as reais, quer as ficcionais —, mas em particular do seu e nosso herói, cuja vida, maturação e envelhecimento vamos acompanhando ao longo dos nove romances até agora publicados; personagens que, sem complexas evoluções psicológicas, sem intrincados problemas morais a resolver, não deixam de ser interessantes, porque nos são inteiramente próximas, porque são totalmente reconhecíveis, pessoas normais como nós, nos nossos melhores e nos nossos piores dias.

Mais do que isso, Gordiano e a sua família fazem parte do nosso núcleo familiar, os seus amigos são-nos tão próximos como o são dele — uma empatia a que não é certamente alheio o uso da narrativa na primeira pessoa (que só uma vez nos atraiçoa), outro dispositivo literário que Saylor explora com mestria.

Um terceiro elemento sugestivo destes nove romances é a sua notável construção dramática, a presença da intriga e do mistério, condutores do desenvolvimento da narrativa, o jogo astuto com a curiosidade do leitor, o hábil domínio do que deve ser escondido e do que deve ser revelado, a suspensão do resultado até ao derradeiro momento possível e, em muitos casos, a surpresa final.

Como compete a um Descobridor, Gordiano tem um papel extremamente relevante no esclarecimento de diversos mistérios e na apreciação de diversas personagens suas contemporâneas, que sem ele conheceríamos muito pior. A Gordiano devemos a descoberta, em 80 a.C., dos verdadeiros crimes de Sexto Róscio, um agricultor rico acusado de parricídio e defendido por Cícero dessa acusação, no caso que o orador viu — e bem — como uma oportunidade para se tornar conhecido, iniciando assim a carreira pública de advogado e político que conhecemos.

A Gordiano devemos, oito anos mais tarde, durante a temível época da sublevação de Espártaco, a revelação do verdadeiro assassino de Lúcio Licínio, o primo remediado de Marco Licínio Crasso, o homem mais rico de Roma — “Crasso, Crasso, rico como Creso”, cantarolam as crianças nas ruas —, revelação de que está suspensa a vida de noventa e nove escravos inocentes, homens, mulheres, crianças e velhos.

Ainda através de Gordiano, ficamos a conhecer as intenções e os desejos mais íntimos, as interrogações e contradições mais profundas de Catilina, rebelde ambicioso e egocêntrico, ou combatente pelos direitos das massas oprimidas, conforme o ponto de vista, que tece, *sub rosa*, desígnios conspiratórios contra o poder estabelecido de Roma, na pessoa — nem menos — do Cônsul Marco Túlio Cícero, adversário de Catilina que não recuará diante de nada para o deter. A caminho da ambição que conduzirá à derrota completa e à ruína final em Pistória, Catilina sugerirá a Gordiano a solução de um mistério que culmina no rapto de sua filha mais nova, Diana, uma angústia e uma agonia que deixarão marcas no nosso investigador e em toda a sua família.

Alguns anos depois, em 56 a.C., durante o triunvirato de César, Pompeu e Crasso, batem à porta do Descobridor “um eunuco e um homem vestido de mulher”<sup>6</sup>; estes disfarces ridículos escondem Trigónion e Díon, um filósofo grego de Alexandria, de quem Gordiano fora discípulo trinta anos antes, e que vem contratá-lo para o ajudar “a continuar vivo!”<sup>7</sup>; incapaz de satisfazer este pedido, Gordiano tropeçará também com bastantes dificuldades e passará por um profundo equívoco antes de encontrar o seu assassino — e terá ainda de assistir à defesa em tribunal de Marco Célio, outra proeza forense de Cícero.

A Gordiano deveremos em seguida a detecção do verdadeiro assassino de Públio Clódio, “um inimigo do Estado, uma ameaça à decência, uma praga para a República, uma vergonha para os seus antepassados”<sup>8</sup>, cuja morte violenta na grandiosa Via Ápia, atribuída a Milão, seu inimigo jurado e figadal, conduz Roma à beira do caos — ao incêndio do Senado pela turbamulta — e, na opinião de alguns, por fim à guerra civil entre Pompeu e César, que acabará por levar à dissolução da República.

É no contexto desta guerra civil que, em 49 a.C., três anos depois do crime na Via Ápia, Gordiano terá de resolver um dos mistérios mais perturbadores de todos: a clássica morte dentro de portas fechadas, que desta vez tem lugar dentro da sua própria casa, no seu próprio jardim. O homem assassinado é Numério Pompeu, primo de um dos beligerantes, Pompeu Magno, que decidira intervir no destino e fora a casa do Descobridor fazer-lhe uma proposta indecente. A Gordiano ficaremos a dever aquilo que mais ninguém poderia fazer-nos conhecer com igual segurança: a revelação da verdadeira identidade deste criminoso.

No mesmo ano em que César atravessa o Rubicão, Gordiano recebe a notícia do desaparecimento de seu filho Meto que, tendo congeminado com César um stratagem destinado a enganar Pompeu, fingira trair o seu general para se juntar às tropas do general inimigo.

---

<sup>6</sup> *O lance de Vénus*, 22.

<sup>7</sup> *Ibidem*.

<sup>8</sup> *Crime na Via Ápia*, 460.

Gordiano parte, pois, para Massília — que as tropas de César mantêm cercada e que acabarão por tomar — onde revê Milão, exilado na cidade, e onde, para além do paradeiro do filho, descobrirá o autor de um assassinio mal disfarçado de suicídio.

De regresso a Roma, na companhia de Davo — que se tornara um companheiro permanente desde os acontecimentos na Via Ápia — e de Jerónimo, um massiliano que escapara a uma morte terrível, Gordiano viverá uma aventura que lançará novas sombras de dor sobre a sua família, e em particular sobre o seu casamento. Em Roma, o clima é de conspiração, desta vez particularmente no feminino, e o Descobridor terá de desvendar o autor da morte violenta de um dos peões destas operações encobertas, com quem se havia relacionado intimamente.

Por fim, e de novo para corresponder a uma necessidade familiar, Gordiano parte de Roma para o Egipto na companhia de Betesda — para quem a viagem será um regresso às origens, na esperança da cura de um misterioso mal que a aflige — onde, para além de testemunhar uma série de acontecimentos de grande importância para o futuro do Império e do Imperador, ainda terá de solucionar o delicado mistério da morte da provadora oficial da Rainha Cleópatra, que fora atribuída a seu filho Meto.

A somar aos três aspectos que já referi — a persistência das personagens, a narrativa na primeira pessoa e uma inteligente gestão do desenvolvimento da narrativa —, um último elemento que nos atrai nestes romances é a sua riqueza e precisão informativas, a quantidade de temas abordados e de pormenores comunicados, que absorvermos com uma facilidade encantadora.

Gordiano viaja bastante, e nós com ele, quer por terra, quer por mar, pelas sendas do Império em construção. A Itália de norte a sul, o sul de França e a Península Ibérica, o Egipto por duas vezes, são destinos seus, sempre em trabalho à excepção da primeira de todas as viagens, a da passagem por Alexandria, que fora uma viagem de estudo, um passo importante na instrução e na formação de um jovem romano.



É no decurso destas viagens que nos dá a conhecer o inferno da vida de escravo das galés — uma das mais realistas e pungentes descrições dos romances, sete páginas de dor, humilhação, suor, dejectos e por fim inutilidade e capricho; os últimos dias de existência e o destino — glorioso e patético — de um verdadeiro bode expiatório, cuja função é explicada a Gordiano na primeira pessoa por aquele que fora o mais miserável habitante da cidade cujos pecados vai expiar, “o filho de dois suicidas, o mais inferior dos inferiores, aquele pedinte irritante que assombra a praça do mercado, de quem toda a gente gostará de se ver livre”<sup>9</sup>; ou a sumptuosa vida na corte ptolomaica, nas vésperas da decisão sobre o futuro do Egipto romano, em que os dois herdeiros rivais ao trono se atraíam mutuamente, numa luta fratricida que só poderá ter um vencedor.

Isto para não falar nos costumes tipicamente romanos com que Gordiano nos familiariza, como o dia-a-dia dos habitantes da Subura, a via mais castiça da cidade — e uma das mais perigosas, numa cidade onde não há polícia porque esta “tornar-se-ia apenas mais um bando com o qual o público teria de lutar”<sup>10</sup>; as fórmulas de cumprimento e de contacto, como o curioso costume de bater à porta de uma casa, não com a mão, mas com o pé; e os sumptuosos banhos, públicos e privados, inevitavelmente associados a esta civilização.

Como também nos torna conhecidos, agora noutra domínio, os símbolos de poder, investidos de uma aura quase mágica, de que é exemplo o estandarte da águia, que Mário, “o mentor e herói de César”<sup>11</sup>, empunhara, que passara depois pelas mãos de Catilina, e que César descobrirá finalmente numa cave de Massília; a função sócio-política da religião e alguns dos seus representantes e oficiantes, como os videntes e os áugures; o destino privilegiado das Virgens Vestais, sujeitas contudo a um castigo inumano — serem sepultadas em vida — se quebrarem os seus compromissos sagrados; as tradições associadas a festividades de

---

<sup>9</sup> *Desaparecido em Massília*, 84.

<sup>10</sup> *Sangue romano*, 37.

<sup>11</sup> *Desaparecido em Massília*, 147.

expressão pública, como as Saturnais; ou os rituais funerários, com a exposição do cadáver durante um período de luto e a subsequente procissão de enterro, com expressões bem codificadas.

Gordiano mostra-nos ainda as técnicas e os estilos de decoração de interiores e de arquitectura de exteriores de Roma, em particular na sua relação com a moralidade pública, ou com os indícios de decadência; a riquíssima, inventiva e peculiar culinária romana, onde os odores domésticos e os odores exóticos são manuseados com criatividade por *chefs* importados, e servidos em longas sequências prandiais, que podem até terminar com uma excursão doméstica a um cerejal privado, uma novidade absoluta na Roma do século I a.C. Ou, finalmente, numa extensão da existência do cidadão romano da República, a vida de proprietário rural, que Gordiano se propõe viver ao herdar uma quinta na Etrúria — que se propõe dirigir seguindo à letra os ensinamentos de Catão-o-Antigo.

Frequentemente contratado pelos poderes grados da República, ou em contacto com quantos ambicionam vir a deter cargos de comando, ou trabalham a soldo dos seus detentores — Cícero e Pompeu, Crasso, César e Marco António, Milão e Clódio —, Gordiano conhece bem a legislação romana. Em particular, a que diz respeito aos escravos. Seja a mais antiga e venerável, ressuscitada da noite dos tempos por razões de oportunismo político — como a lei que autoriza um senhor a matar todos os escravos de sua casa quando um deles for culpado de um crime de morte contra um dos membros da sua família —, seja a mais actual, como a lei que impede um escravo de testemunhar em tribunal excepto sob tortura, que o leva a envidar todos os esforços para evitar recorrer a esse tipo de testemunhas.

Aliás, a relação de Gordiano com os escravos é ambígua — ou talvez seja apenas a de um abolicionista que ignorava ser possível uma civilização subsistir sem o recurso à escravatura. Pois o Descobridor é “o único homem do mundo que pensa que a vida de noventa e nove escravos

é mais importante do que as ambições do homem mais rico de Roma”<sup>12</sup>, que tudo fará para deter o poder correspondente.

O que mais nos atrai em Gordiano é talvez o facto de ele ser um homem de sempre, um ser humano como nós, em quem reconhecemos qualidades e defeitos: um coração que não lhe cabe no peito e a fraqueza que o leva a trair a mulher, a coragem para se confrontar com um poder efectivo, mas desrazoável, e o medo da força concentrada num punhal aguçado, ou as hesitações perante a melhor maneira de compatibilizar a liberdade com a segurança dos cidadãos. Mas a característica mais claramente definitiva — aliás, autodefinitória — do nosso Descobridor é o seu indefectível amor à verdade, que investiga porque tem de o fazer, porque não consegue impedir-se de o fazer, “mesmo quando não serve para nada, quando só pode provocar sofrimento”<sup>13</sup>, nas suas próprias palavras. É este amor à verdade que o conduz por entre os labirintos do poder, da força, da ambição, do desejo, do ciúme e do vício sem neles se perder nunca por completo — reemergindo sempre de novo, como se este amor fosse um antídoto contra o mal.

Steven Saylor dificilmente será recordado na história da literatura como um autor por via de quem tenhamos sido elucidados acerca dos conflitos íntimos e dos mistérios profundos da alma humana; ou como um escritor que tenha aberto caminhos novos na língua de Shakespeare. Aquilo que Steven Saylor produz é outro tipo de literatura, mais ligeira, mas de valor inestimável para quantos fazem da leitura um meio de viajar, de aprender, de compreender; Saylor escreve livros que nos ocupam, nos atraem, nos seduzem e nos prendem, mas sem nos obrigarem a trabalhar, e que, pelo caminho, nos ensinam muitas coisas.

E, neste domínio, Steven Saylor é um mestre, um escritor cujas obras nos agarram desde a primeira até à última página, nos fazem dominar a voracidade e abrandar o ritmo da leitura quando já passámos de meio do livro, na esperança de que ele dure mais algum tempo e de que não tenhamos de nos separar dele tão depressa, e depois chorar

---

<sup>12</sup> *O abraço de Némesis*, 323.

<sup>13</sup> *Desaparecido em Massília*, 285.

ansiosamente pelo próximo, pela sua continuação e o seu desenvolvimento. Com o seu estilo simples, limpo, directo e informativo, sem por isso deixar de ser caloroso, Saylor consegue mesmo a rara proeza (falo por experiência) de a releitura dos seus romances — mesmo quando já conhecemos a solução dos mistérios — ser tão agradável e entusiasmante como fora a primeira leitura, pois é como que um regresso a casa e a terreno conhecido, de que já estávamos saudosos.

Termino com uma anedota divertida — pelo menos para quem a ouve contar —, narrada pelo próprio numa conferência<sup>14</sup>.

“De vez em quando, uso a palavra ‘lémure’ nos meus livros [...]. A palavra ocorre duas vezes no romance intitulado *Desaparecido em Massília*. Primeiro, quando o narrador tem o perturbador pressentimento da sua própria morte. Nessa altura, pensa: ‘Afinal, o que é ser um lémure, senão ser riscado da história do mundo, passar à condição de nome escrito no passado, observar mudamente das sombras enquanto outros prosseguem a história dos vivos?’. Posteriormente, prevendo a morte de outra pessoa, o narrador considera ‘as primeiras horas depois da morte, quando o seu lémure inquieto poderia continuar a percorrer a terra’.

Foi assim que o texto foi publicado na edição americana. Em Inglaterra, porém, o livro teve de ser todo o revisto, para se introduzirem alterações de ortografia. [...] Acontece que o livro foi publicado com a alteração de uma única letra, de tal maneira que o narrador, prevendo a morte de outra pessoa, considera ‘as primeiras horas depois da morte, quando o seu fémur inquieto poderia continuar a percorrer a terra’. E, considerando a possibilidade da sua própria morte, pensa: ‘Afinal, o que é ser um fémur...?’.”

Desta anedota concluía Saylor que a gralha — uma das que mais lhe doía em todos os romances — só fora possível devido à falta de preparação cultural do revisor da editora, que não fazia a menor ideia do que era um “lémure”; falta de preparação a que não estão sujeitos os

---

<sup>14</sup> Proferida na Universidade da Califórnia, em Berkeley. Pode ser consultada na Internet, em <http://www.stevensaylor.com/UCAddress.html>.

estudantes de clássicas — a quem se dirigia na referida conferência —, cuja familiaridade com essa parte significativa da nossa herança histórico-cultural que é o mundo greco-romano, proporcionando-lhes uma invejável noção de contexto, lhes proporciona uma enorme riqueza cognitiva e interpretativa. E eu concordo com ele. Ler os seus romances ajuda-nos a adquirir esta perspectiva de uma maneira descontraída e agradável.

AVEIRO, MARÇO DE 2006

### **Apêndice**

De entre as obras de Steven Saylor publicadas em Português, listo abaixo aquelas cujo cenário dramático é a Roma Antiga, tomada em sentido genérico.

Indico a data da edição original, e a seguir a data da edição portuguesa.

Todas estas obras foram publicadas por Quetzal Editores, Lisboa, e traduzidas por Maria José Figueiredo.

#### Romances:

*Sangue romano*, 1991/2000

*O abraço de Némesis*, 1992/2000

*O enigma de Catilina*, 1993/2000

*O lance de Vénus*, 1995/2000

*Crime na Via Ápia*, 1996/2001

*Rubicão*, 1998/2001

*Desaparecido em Massília*, 2000/2002

*Névoa de profecias*, 2002/2003

*A sentença de César*, 2004/2004

Colectâneas de Contos:

*A casa das Vestais*, 1997/2002

*Um gladiador só morre uma vez*, 2005/2006

No final de cada uma das suas obras, Steven Saylor inclui uma cronologia dos factos da vida das personagens reais e das suas personagens ficcionais, bem como uma indicação das fontes e da principal bibliografia secundária onde fez a sua investigação.

\* \* \* \* \*

**Resumo:** Gordiano, o Descobridor, uma personagem criada pelo romancista americano Steven Saylor, nasce em Roma, em 110 a.C., e convive com várias figuras gradas do final da República e dos começos do Império — Cícero e Pompeu, Crasso, César e Marco António. As suas aventuras, narradas em nove romances e duas compilações de contos, dão-nos a conhecer, de uma forma agradável e sedutora, quer a vida quotidiana, quer as ingentes tarefas dos antepassados a quem devemos uma parte importante da nossa história e da nossa identidade.

**Palavras-chave:** Steven Saylor; Gordiano, o Descobridor; Cícero; César; Roma.

**Resumen:** Gordiano, el Descubridor, un personaje creado por el novelista estadounidense Steven Saylor, nace en Roma en 110 a. C. y convive con varias figuras destacadas de finales de la República e inicios del Imperio — Cicerón y Pompeyo, César y Marco Antonio. Sus aventuras, narradas en nueve novelas y dos colecciones de cuentos, nos dan a conocer, de forma agradable y seductora, tanto la vida cotidiana como las formidables tareas de los antepasados a quienes debemos una parte importante de nuestra historia e identidad.

**Palabras clave:** Steven Saylor; Gordiano, el Descubridor; Cicerón; César; Roma.

**Résumé:** Gordianus, l'Enquêteur, un personnage créé par le romancier Steven Saylor, naît à Rome en 110 av. J. C., et côtoie de près plusieurs personnalités importantes de la fin de la République et du début de l'Empire — Cicéron et Pompée, Crassus, César et Marc Antoine. Ses aventures, narrées au long de neuf romans et de deux compilations de contes, nous font connaître, de façon agréable et séduisante, la vie quotidienne et les grandioses tâches des ancêtres à qui nous devons une partie importante de notre histoire et de notre identité.

**Mots clés:** Steven Saylor; Gordianus l'Enquêteur; Cicéron; César; Rome.

